

ABRACADABRA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES
COMUNICAM AOS ALIADOS**

da cena

**PODEM
RESPONDER À**

PANDEMIA

CAOS

POLÍTICO

BRASIL

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS
ARTES DA
CENA PODEM
RESPONDER
À PANDEMIA E
AO CAOS
POLÍTICO NO
BRASIL?**

Organizadores:
Ana Terra
Matteo Bonfitto
Silvia Geraldi
Renato Ferracini



ABRACE

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

Diretoria ABRACE

Gestão - 2019-2020... e pandemia

PRESIDENTE

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

1ª SECRETÁRIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

2ª SECRETÁRIA

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

TESOUREIRA

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)
Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)
Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)
Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)
Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)
Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)
Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

EDITORAÇÃO E DESIGN EDITORIAL

Arthur Amaral

EDIÇÃO

ABRACE

CO-EDIÇÃO

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

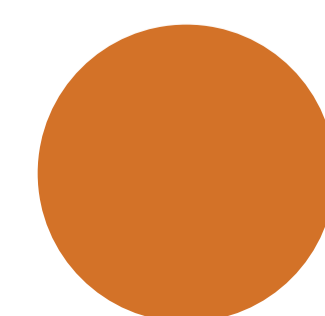
Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

Comissão Editorial Abrace
Gestão 19/20/21

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

SUMÁRIO

capítulo 1

Cena, resistência e experimentações digitais

DOSSIÊ DO DESCURSO

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira _____ 15

CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE

André Carrico _____ 95

ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ

Sócrates Fusinato _____ 99

POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva _____ 117

TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?

Maíra Castilhos Coelho _____ 144

O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA

Mônica Melo _____ 172

VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães _____ 198

QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Priscila Rosa _____ 216

O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.

Daniele Pimenta _____ 224

VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Charles Feitosa (UNIRIO) _____ 240

MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE

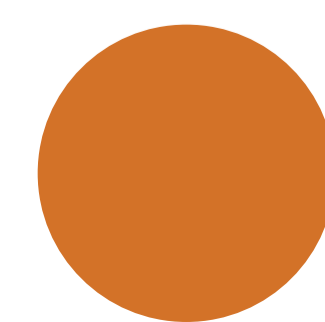
Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni _____ 253

<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

capítulo 2

Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira _____ 599

ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini _____ 638

“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020

Alba Pedreira Vieira _____ 666

DANÇA NA PANDEMIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães _____ 696

capítulo 3**Feminismos plurais, performances e performatividades***BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA*

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. _____ 712

CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO

Andre Luiz Rodrigues Ferreira _____ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes _____ 757

BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins _____ 793

PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA

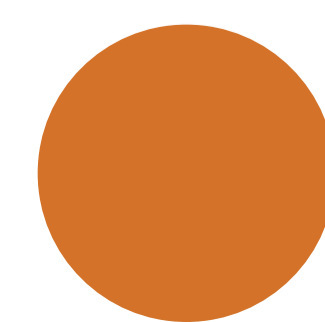
Estela Vale Villegas _____ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad _____ 856

capítulo 4**Práticas de cuidado e espiritualidade***TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA*

Nara Keiserman _____ 887



COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,
Tania Alice _____ 908

capítulo 5

Ações performativas em isolamento

SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira _____ 935

MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas _____ 940

QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,
Jefferson Fernandes _____ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva _____ 962

TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.
Stefanie Liz Polidoro _____ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA
NO ISOLAMENTO SOCIAL*
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez _____ 989

CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA
Carla Vendramin _____ 1004

DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA
Danielle Martins de Farias _____ 1033

RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS
Silvia Balestreri _____ 1037

UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA
Domenico Ban Jr. _____ 1044

VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO
Patrícia Souza de Almeida _____ 1049

capítulo 6

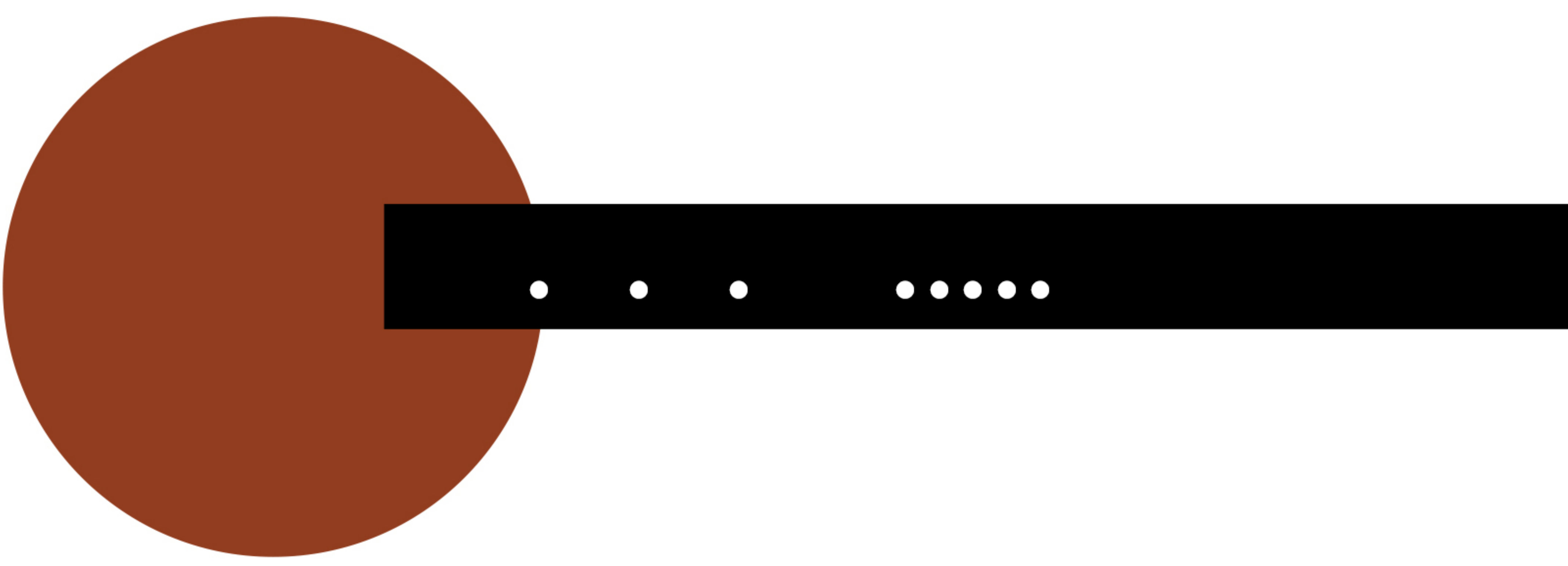
Transversalidades dissonantes

- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*
Rafaela Blanch Pires _____ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*
Marcilio de Souza Vieira _____ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira _____ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva _____ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar _____ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*
João Vítor Ferreira Nunes _____ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos _____ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*
Janaína Maria Machado (UFBA) _____ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*
Nanci de Freitas _____ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá _____ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,
Tânia Guerra de Souza _____ 1303

<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546



CAPÍT
ULO 2
CO R P O,
ARTES DA CENA
E EPISTEME



.....

DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

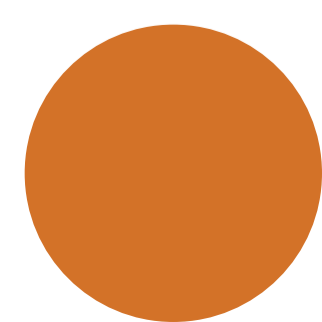
Melina Scialom (UNICAMP)¹



__RESUMO

Este artigo discorre de forma crítica e descritiva sobre colaborações artísticas no campo da dança, realizadas durante a pandemia de COVID-19, entre março e setembro de 2020. Para tal, são abordados três trabalhos onde aconteceram colaborações de diferentes formas, e que, apesar de todas terem vídeos como produto final, os processos envolveram relações e descobertas singulares. São eles as improvisações (*jam sessions*) do Corpo Jazzy, a

¹ Melina Scialom é performer, dançarina, dramaturga e pesquisadora da dança. Pós doutora pelo PPG Artes da Cena, UNICAMP (FAPESP processo n. 2016/08669-5 e 2019/18875-0) foi professora colaboradora do Departamento de Artes Cênicas, UNICAMP, pesquisadora visitante na Universidade de Utrecht, Holanda (2017/18) e Concordia, Canadá (2020). Doutora em Dança (Universidade de Roehampton, Londres), Especialista em Estudos Coreológicos (Trinity Laban, Londres), Mestre em Artes Cênicas (UFBA), Bacharel e Licenciada em Dança (UNICAMP).



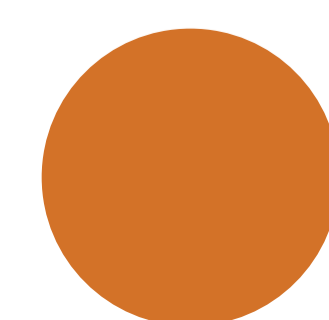
vídeo-dança do Maya-Lila e o projeto Dança Compartilhada. Em seguida foco sobre a criação da obra Sombras do Silêncio (produto do projeto Dança Compartilhada), por ser uma iniciativa de minha autoria onde pude controlar todo o processo. Esta obra teve o intuito de investigar uma proposta criativa onde o trabalho final se tornou uma dança coreografada através do vídeo a partir do material levantando durante o processo, aproximando os corpos dos colaboradores que estavam separados pelo isolamento social. Por fim o artigo inclui links para acesso às plataformas online contendo vídeos das danças resultantes de cada um dos processos.

__PALAVRAS-CHAVE

Dança, processo colaborativo, pandemia COVID-19, processo de criação

__ABSTRACT

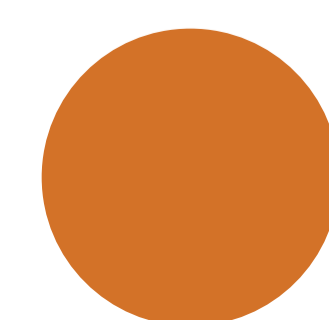
This article discusses in a critical and descriptive manner about the artistic collaborations in the field of dance, done throughout the COVID-19 pandemic between March and September 2020. To establish such discussion three works are brought forth, where there were different



artistic collaborations, and that, although they all have videos as their final product, the processes involved unique relations and discoveries. They are the improvised jam sessions of Corpo Jazzy, Maya-Lila's screendance and the project Dança Compartilhada (Shared Dance). Then I focus on the piece Sombras do Silêncio (product of the Share Dance project), as an initiative that I authored and where I was able to control the process. This piece aimed at investigating a creative process where the final material became a dance that was choreographed through video and based on the material that emerged in the process of attempting to bring closer the bodies of the collaborators that were separated from the social isolation. The article also contains links to access the online platforms that house the videos of the resulting dances from each of the processes.

__KEYWORDS

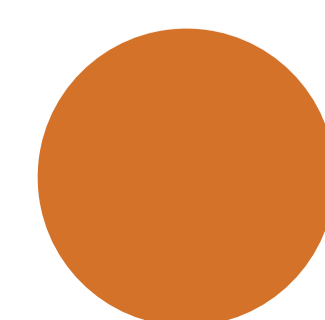
Dance, collaborative process, COVID-19 pandemic, creative process



INTRODUÇÃO

Danças Compartilhadas são vontades de se trabalhar colaborativamente em processos de criação em dança num momento onde estamos todos confinados à solidão do isolamento social. Elas surgiram da necessidade de se compartilhar processos de criação, movimento, energia e poesia com outros artistas e levar estes produtos para o público em geral.

Após diversas experiências com práticas de dança - aulas e sessões de improvisação coletiva - realizadas online através de plataformas como *Zoom*, *Googlemeets* e *Jitsi* percebi que, apesar de estar junto com outras pessoas em um mesmo “tempo” e em uma mesma plataforma, na hora de nos movermos estamos sós. Estou sozinha na sala ou quarto de minha casa. Estou somente eu, na tentativa de imaginar ou captar alguma coisa (movimento, energia, som, pensamento, intensidade ou seja lá o que for) dos outros em seus universos - e que me são transmitidos através da tela e dos falantes de um telefone ou computador. Um esforço que está entre o mental e o energético em uma busca desesperada por encontrar e me conectar com um outro ser, em situação muito parecida com a minha, presente no mesmo espaço-tempo e querendo também se conectar para criar, juntos. Uma busca minha que se perde nos silêncios da solidão, da fisicalidade de estar



num espaço onde o único elemento fisicamente animado (além de animais e plantas²) sou eu mesma. Uma procura incessante que na maior parte das vezes me tira das sensações e percepções do meu próprio corpo e me deixa ligada na imagem fora dele e nos outros que estão na tela. Estou sempre a um passo, ou a um pensamento, da lista de pendências, dos afazeres domésticos, das emergências da vida. Apesar de ter uma câmera apontando para mim e uma ou várias pessoas na tela, continuo só.

Silêncio.

O que será que eu vou comer hoje de almoço?

No meu percurso de criação em dança venho sempre trabalhando com outros artistas, de forma com que a presença – na forma de pensar e agir – do outro permeia o meu próprio pensar-fazer. O trabalho colaborativo valoriza estas trocas enquanto experiência compartilhada e criação aberta às subjetividades dos atores em criação. Venho trabalhando com colaboração com artistas tanto da dança quanto de diferentes áreas há quase vinte anos. Ao longo destes anos participei de muitas experiências que resultaram em espetáculos para palco convencional e alternativo, intervenções urbanas, performances e *live art* e até website (enquanto obra de arte). Apesar de diferentes

² Durante este período de isolamento social tem surgido diversos projetos de interação entre pessoas e animais e/ou plantas. Um exemplo é o trabalho “21 Ações para Mulheres & Plantas” dirigido por Marina Guzzo para o SESC Santos – acesso em <https://www.facebook.com/watch/SESCSantos/371819807320643/>.

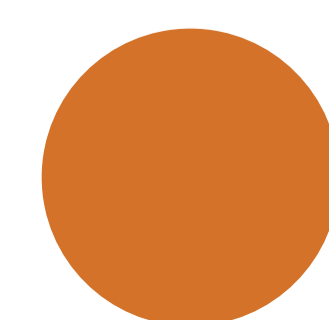
formatos finais, estas colaborações aconteceram, em sua maioria, de forma presencial, onde artistas se encontram e realizam trocas através de suas presenças no mesmo espaço-tempo.

Realizar criações colaborativas nas artes cênicas não é algo novo ao fazer artístico, tendo aparecido nos processos de criação que vão de Shakespeare à Brecht e se tornou popular com as investigações criativas de vanguarda a partir da década de 1960. Na dança elas passaram a ser mais evidentes a partir da década de 1960. No Brasil, Antônio Araújo (2006) inaugurou um discurso na academia sobre processos colaborativos no fazer teatral que influenciou muitos pesquisadores que trataram do assunto a partir de então. Antônio Araújo (2008) explica que a expressão *processos colaborativos*, como a conhecemos hoje, ficou popular somente a partir dos anos 1990. Assim a prática que já era conhecida passou a ser foco e interesse de pesquisadores das artes cênicas que mergulharam nas atividades de grupos como por exemplo o mineiro Grupo Galpão, o paulista Teatro da Vertigem e o gaúcho “Ói Nóis Aqui Traviez. O autor aponta que uma das características dos processos colaborativos de criação é o foco sobre os procedimentos realizados pelo coletivo. Sem querer realizar uma revisão teórica sobre o assunto na dança e no teatro – que podem ser vistos nos trabalhos de Mcalee

(2020) e Roznowski e Domer (2009) respectivamente - salto diretamente ao que interessa a este artigo que está justamente sobre os procedimentos realizados em criações colaborativas durante a pandemia de COVID-19. Mas, para além das filosofias e princípios descritos pelos autores acima citados que detalham colaborações realizadas com a presença no mesmo espaço dos colaboradores, permanece a questão: como realizar um processo colaborativo quando os colaboradores não podem se encontrar em uma sala de ensaio ou conviverem juntos?

A pandemia de COVID-19 tem chacoalhado os paradigmas de criação nas artes da cena nos últimos meses. Muitos dos processos e procedimentos de criação que conhecemos (praticávamos), se tornaram perigosos, arriscados e até impossíveis quando pensamos nos espaços de criação, estúdios e teatros fechados. Após o furor de transferir as atividades artísticas para as mídias eletrônicas, em especial as audiovisuais, começamos a nos assentar na dita *nova realidade* e passamos a buscar uma espécie de sobrevivência artística-criativa em meio à confusão e ao caos instaurado nas vidas dos artistas e arte-educadores do país (para não dizer no mundo inteiro).

Movida pela imobilidade instaurada sobre nossas vidas, participei de diferentes processos de criação colaborativa com dança no paradigma de quarentena (isolamento e



distanciamento social). Destes surgiram algumas criações que resultaram em obras audiovisuais que reconheço como vídeos de dança, vídeo-apresentações e vídeo-danças. Cada uma destas foi resultado de processos e colaborações diferentes que discorrerei a seguir.

CORPO JAZZY

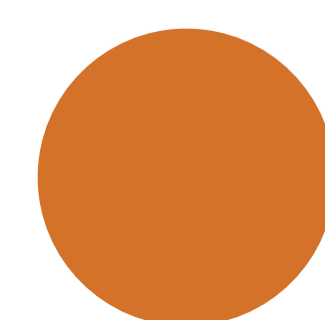
Desde 2019 venho colaborando com o coletivo campineiro **Corpo Jazzy**³ em sessões de improvisação de dança durante eventos musicais na região de Campinas, SP. Com o advento da pandemia e a impossibilidade de nos encontrarmos e continuarmos nossas práticas ao vivo, buscamos explorar formas de improvisar e dançar junto. Desta vontade, começamos a realizar encontros virtuais pela plataforma Zoom e investigar formas de dançarmos mantendo o espírito que temos nos encontros de *jam sessions* do grupo. Destas práticas nasceram algumas apresentações virtuais de curta (dez minutos) e longa (cinquenta minutos) duração.

Ao longo dos nossos encontros fomos descobrindo algumas características do uso do Zoom como espaço possível de improvisação para dança. Através da investigação

³ Corpo Jazzy é um grupo de improvisação de dança idealizado pela artista campineira Arcília Lima para realizar encontros e jam sessions de dança em eventos culturais. As atividades online foram integradas pelas dançarinas Arcília Lima, Caroline Sobolewska, Fernanda Noboa, Gabi Perissinotto, Melina Scialom e Larissa Carpintero.

prática fomos entendendo que, para que conseguíssemos os efeitos de influenciarmos o movimento umas das outras, como acontece nas sessões presenciais, precisávamos organizar estratégias como: chegar próximo da tela (para conseguir ver as outras e criar possibilidades de interação) e propositalmente incorporar movimentos de outra pessoa, permitindo que este evoluísse a partir da nossa própria movimentação. Estas estratégias sempre aconteceram naturalmente em nossas atividades presenciais. Porém, percebemos que se não instaurássemos elas conscientemente durante as sessões online, não conseguiríamos um efeito de sincronidade desejado (algo natural à nossas *jam sessions* presenciais).

Ao considerarmos realizar apresentações destas nossas improvisações virtuais, surgiram algumas questões como: a possibilidade de editar o vídeo/gravação da sessão ao invés de realizarmos apresentações ao vivo que dependem da velocidade e qualidade da conexão de internet de todos os participantes; a necessidade de realizar sessões mais curtas, pois o público que assiste um vídeo de uma improvisação não iria ficar ligado à tela por muito tempo; de realizarmos encontros sem a presença do público, para conseguirmos dialogar e adequar nossa atividade ao audiovisual; de termos mais de uma câmera para filmar cada improvisadora para que ajudasse na edição do material a ser apresentado; de



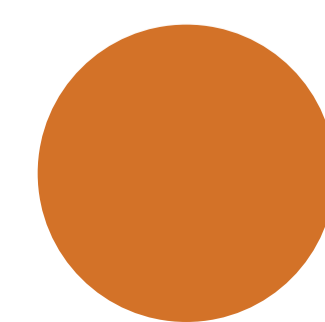
combinarmos previamente as estratégias de movimento a serem utilizadas; de encomendar uma música autoral com a duração da “apresentação. Assim, concluirmos que seria mais interessante se ao invés de apresentássemos ao vivo, nós gravássemos nossos encontros e editássemos o material de vídeo a ser apresentado. Gabi Perissinotto, além de dançar no grupo também trabalha profissionalmente no campo audiovisual, e portanto realizou todas as edições de nossas apresentações – com um olhar de quem participou do evento. Com a evolução de nossas experimentações, percebemos que precisávamos incluir nas nossas partituras algumas movimentações “interessantes no olhar da câmera”, como por exemplo nos aproximarmos dela até que ficassem somente partes do corpo sendo captadas pelo vídeo ou de combinarmos de antemão alguns gestos que usaríamos ao longo da improvisação.

No planejamento das sessões mais curtas, encomendamos músicas de dez minutos ao músico Lucas Carrasco⁴, com quem já havíamos improvisado ao vivo, para que pudéssemos toca-la durante a sessão. Gabi editou ou melhor coreografou todos nossos vídeos combinando as diferentes câmeras e as participantes. Nossa primeira apresentação pode ser vista no link https://youtu.be/J4Ll_O12pq0 ⁵.

_____ A terceira apresentação do Corpo Jazzy foi uma sessão

⁴ Lucas Carrasco possui um grupo chamado Lucas Carrasco Jazz Quartet, com quem o Corpo Jazzy já improvisou em duas ocasiões diferentes.

⁵ Acessado em 01/10/2020.



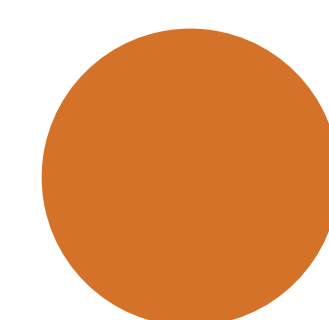
longa, de aproximadamente 45 minutos, uma apresentação que aconteceu a convite da organização da Mostra Jazz de Campinas. Para este evento tivemos que reconsiderar nossos procedimentos para que fossem adaptados à um tempo estendido. Além disso optamos por fazer um vídeo que fosse o mais próximo possível de uma apresentação ao vivo, ou seja, sem edição de câmeras e cortes (como visto no primeiro vídeo). Porém, mantivemos o procedimento de todas as participantes individualmente gravarem em seus computadores a sessão de improvisação, para que pudéssemos garantir a melhor imagem de cada uma das câmeras⁶. O vídeo desta apresentação poder ser visto no link <https://youtu.be/Wx5gjBtQNFs> ⁷.

QUARENTENNIALS

Outra atividade foi a participação na criação do vídeo-dança **Quarentennials** do Núcleo Maya-Lila e com autoria de Marília Coelho. Maya-Lila é um núcleo de dança que fundei em 2005 junto com a coreógrafa, dançarina, arte-educadora e acróbata Marília Coelho. Marília propôs aos dançarinos do Núcleo participar de um experimento de dança

⁶ Este procedimento foi realizado pois quando uma pessoa grava uma sessão do Zoom, a melhor imagem captada na gravação é a que vem da sua câmera, enquanto a dos outros participantes acaba dependendo da conexão de internet de ambos. A imagem resultante de uma só gravação apresenta muita falhas – pausas e imagens de má qualidade. Para garantir a melhor imagem de todas as câmeras, todos participantes precisam gravar a sessão, para que na edição seja coletado a imagem da câmera de cada gravação. Por exemplo, na gravação realizada por Melina, a imagem da câmera de Melina é coletada. Na gravação de Gabi, a imagem da câmera de Gabi é coletada e assim por diante.

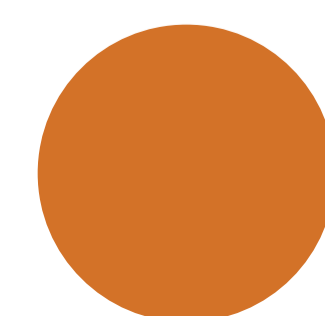
⁷ Acessado em 01/10/2020/



que tinha o objetivo de relacionar movimento à câmera utilizando o recurso do *time-lapse* para compor “danças em casa”. Considerando o momento do primeiro mês de quarentena onde estávamos todos presos em nossos lares, o intuito da proposta era explorar a relação do corpo com os espaços disponíveis e “descobrir lugares poéticos em sua própria casa... encaixes do corpo nela, buscando diferentes poses em um intervalo longo de tempo”⁸. A proposta envolveu que cada participante pesquisasse os espaços possíveis que tínhamos acesso e investigando o corpo em relação e estes espaços. Este trabalho partiu da atividade pedagógica da artista (aulas de dança realizadas neste período) e acabou extrapolando para virar uma obra de vídeo-dança.

Marília explica que a proposta de utilizar o recurso do *time-lapse* é algo que ela vem pesquisando há algum tempo e tem por objetivo transformar, de forma inusitada, longos períodos em curtos filmes. Há mais de uma década Marília vem pesquisando com vídeo e dança já tendo realizado diversas obras, com destaque para a obra *Imaterial*⁹ onde a relação entre dança e vídeo foi para além de um vídeo-dança, se transformando em um website interativo. Portanto, compor através da edição de vídeo é um trabalho já conhecido para a artista.

⁸ Palavras de Marília Coelho durante conversa sobre o processo criativo de Quarentennials.
⁹ A obra *Imaterial* pode ser acessada no endereço: <http://imaterial.site/> (melhor visualizado no Google Chrome). Acessado em 25/09/2020.

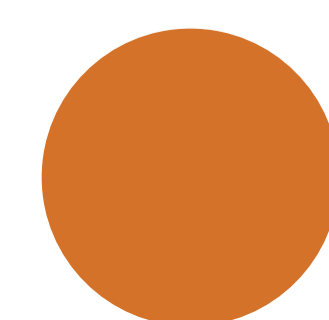


Após colher os vídeos de cada participante, ela relata o processo de edição do material foi uma ação composicional, de forma a organizar os corpos e seus contextos caseiros através de manipulações de edição de vídeo, criando uma sequência, e uma consequente dramaturgia para/do trabalho. A trilha sonora chegou no processo só no final da edição/composição, sendo cedida por seus autores para compor o vídeo. O trabalho pode ser visto neste link: <https://vimeo.com/406384210>¹⁰.

A proposta de Marília foi bastante potente para todos os participantes, pois chegou em um momento de confinamento e muita incerteza onde estávamos todos trancados em casa. A oportunidade de explorar, incorporar, e me relacionar com um local da minha própria casa estando envolvida nas tensões da pandemia foi libertador e ao mesmo tempo sensível e profundo. A proposta, tanto educativa quanto poética, convidou à exploração de um local da casa que, por causa da pandemia e do confinamento, tinha adquirido outro significado em nossas vidas. Estes novos significados transbordaram para virarem poesia corporal.

Ver em *Quarentennials* meu confinamento associado ao dos outros indivíduos foi emocionante, pois sentíamos a potência do momento de confinamento e ao mesmo tempo um alívio de estarmos todos trancados em nossos

¹⁰ Acessado em 01/10/2020.

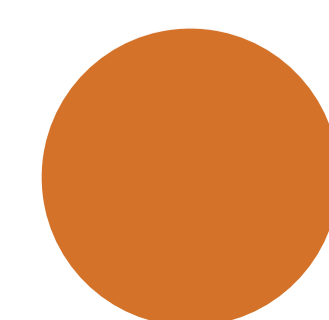


lares, cada um em uma situação – de vida e espaço – diferente. Ao analisar esta proposta e recordar das emoções que este trabalho gerou, para além da experiência de participar praticamente, percebo o quão necessário são as intervenções artísticas em nossas vidas, para trabalhar e transcender as experiências vividas através da poesia e neste caso do movimento expressivo, investigativo e autêntico.

Estes projetos aconteceram em um momento onde era preciso digerir a loucura da pandemia, da quarentena e do isolamento e aspergir arte. Porém fui percebendo que nestas atividades estava sempre sozinha e todas estas danças me levavam para o lugar solitário de estar sozinha no espaço, mesmo tendo outras pessoas presentes na tela ou participando do process. Foi assim que nasceu o projeto Dança Compartilhada e os procedimentos pensados para trazer a presença do outro para dentro do processo de criação.

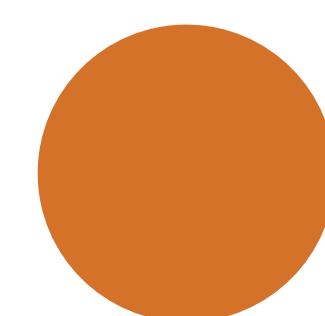
DANÇA COMPARTILHADA

Voltando à sobrevivência criativa, minha busca começou a acontecer ao pensar em modos de se fazer dança que envolvessem a colaboração artística. Formas de se realizar uma criação que trouxesse a outra pessoa para junto do



processo de criação. Maneiras de se estar junto porém separadas.

Desta iniciativa nasceu o projeto dança compartilhada – um projeto sobre processo criativo e colaborativo em tempos de pandemia e confinamento. Convidei a bailarina, coreógrafa e professora Camila Soares para ser colaboradora do projeto e dialogar com minhas danças. A proposta era fazer solos de dança que partissem da relação com os espaços e temas que fossem surgindo ao longo do processo. As danças seriam filmadas e os vídeos compartilhados com Camila para que ela pudesse responder à elas de qualquer forma que achasse pertinente ou que a dança a tivesse inspirado. Suas respostas iriam inspirar novas danças e assim sua presença estaria junto na raiz da criação, dialogando com cada uma das danças realizadas. O conjunto resultante iria compor uma dança só – na forma de um vídeo - no final do trabalho. O conteúdo deste produto não estava premeditado e nem idealizado, sendo completamente desconhecido. Arisco dizer que este procedimento e planejamento inicial foi uma proposta dramática para o processo colaborativo, uma onde, como sugere André Lepecki (2016) o desconhecido e o erro potencial se tornam um método rigoroso. Ou seja, a proposta, minuciosamente arquitetada estava repleta de vazios, de “não saberes” e que assim garantiam a “errância”

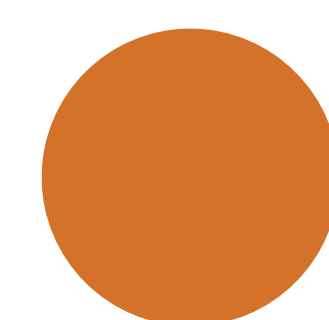


(idem) como parte estruturante da obra.

A partir desta dramaturgia começamos. Todo o processo foi registrado em uma conta na plataforma Instagram para ser tanto compartilhado com Camila quanto com as pessoas interessadas em acompanharem as atividades. Este pode ser acessado neste link https://www.instagram.com/danca_compartilhada/¹¹.

A primeira dança realizada aconteceu de manhã cedo, um momento onde existe um certo silêncio no ar, uma quietude do ambiente e também das energias de meu corpo. Venho explorando o tema do silêncio desde o início de 2020, então iniciar com este impulso – tanto interno quanto externo - foi uma escolha natural e coerente. A primeira dança aconteceu com a exploração de um gestual que, para a maioria dos ocidentais, culturalmente representa silêncio – aquele onde o dedo indicador da mão aponta para cima enquanto todos os outros dedos estão fechados e este conjunto aproxima dos lábios da boca, chegando a tocar a lateral externa do indicador nos lábios. Foram aproximadamente dez minutos de exploração deste gestual, que foi se transformando em outros signos de acordo com a organização corporal realizada. Por exemplo, se o dedo subia para cima da cabeça o silêncio se transformava em uma ação de pedir atenção; se o dedo fosse para baixo do

¹¹ Acessado em 27/09/2020.



queixo se transformava em uma arma ou faca ameaçadora.



Imagem 1 – autora realizando a primeira dança. Acervo pessoal da autora.

Camila ao ver este vídeo retornou com alguns escritos sobre suas impressões. A partir de seu retorno parti para explorar uma segunda dança. Esta foi uma desconstrução do gesto do silêncio para incorporar expressivamente os signos que as transformações do gesto incitava. Esta desconstrução respondia às palavras de Camila e suas impressões dos gestuais contidos no vídeo. Por exemplo medo, angustia, silenciamento, e as sensações de diferentes silêncios. Camila ao ver o vídeo resultante desta segunda dança, que também aconteceu pela manhã, foi atraída

pela sombra do corpo projetada na grama. Desta vez seu retorno envolveu palavras escritas, imagens (fotografias) e uma mensagem de áudio.



Imagem 2- Autora realizando movimento na segunda dança junto com sua sombra. Acervo pessoal da autora.

A partir do segundo retorno de Camila, nasceu a terceira dança, que aconteceu em diversas investidas – tanto de manhã quanto no final da tarde (quando minha sombra não fosse projetada na grama). Ao realizar esta dança-resposta, deixei o áudio de Camila tocando, para tê-la

comigo no espaço como uma ambientação sonora. Sua voz e as imagens propostas no áudio foram convidando meu corpo para realizar outras movimentações que esticavam aquilo que poderia o silêncio ou o gestual do silêncio. Neste material enviado por Camila o silêncio já havia se fragmentado em camadas de significância e experiências diversas, me levando então a adentrar nelas através do movimento. Para conseguir trabalhar com todas as camadas precisei realizar diversas danças.



Imagem 3 - Autora realizando terceira dança. Acervo pessoal da autora.

A partir desta dança a sombra se tornou, junto ao silêncio, uma das chaves para a exploração do movimento. Então surgiu a vontade de dançar sem a sombra física (como pode ser vista nas imagens anteriores onde vinha

dançando nas manhãs) e procurar as sombras dentro de mim mesma. Onde estariam elas e como se movem?



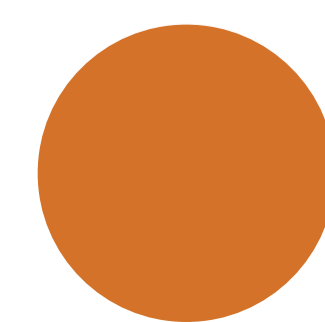
Imagem 4 dançando com a sombra. Acervo pessoal da autora

Após compartilhar com Camila estas danças ela me enviou um áudio com uma vocalização que distorcia a palavra sombra, procurando em seu corpo os locais onde a “sombra” vibrava. Esta mesma busca refletiu na dança seguinte. Desta vez escolhi um local sob uma árvore de Ipê branco florido, já com suas flores no chão. Surgiu também um figurino – um vestido preto. Preto era a cor que vinha usando nas outras danças. E que se tornou a própria sombra colada em meu corpo – já que as roupas eram

até então justas e ficam rente à pele. Ao me cobrir com o vestido preto, a sombra se tornou algo móvel, estando em mim mas também tendo um movimento próprio ao meu redor. Nesta dança as flores no chão também eram sombras daquilo que já esteve vivo e agora deixava a vida. Cada flor caída - uma sombra e eu dançando sobre elas em busca da minha própria sombra. Os elementos trabalhados anteriormente voltaram a aparecer em nuances, gestos perdidos e repetições. Estes não apareceram de forma intencional mas surgiam como imagens e corporeidades que emergem da sombra e em seguida voltam a desaparecer nela. Após realizar esta dança percebi que o trabalho estava se integrando a minha corporeidade e encontrando um corpo expressivo.



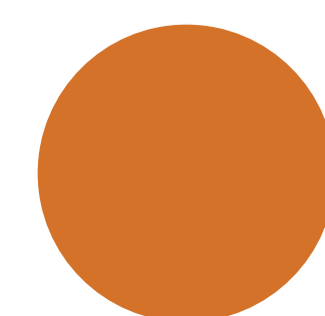
Imagem 5 - dançando com o Ipê. Acervo da autora



A quinta dança aconteceu de forma espontânea. Saí de casa com o figurino, a câmera e o tripé e acabei encontrando o pôr-do-sol, e este foi o local que ela aconteceu, onde me tornei sombra, me tornei aquilo que horas buscava e horas fugia. A incorporação da sombra também movimentou as camadas que havia experimentado anteriormente, mas de uma outra forma, como se não fosse mais eu que estivesse ali mas a sombra a experimentar o seu silêncio através de mim.

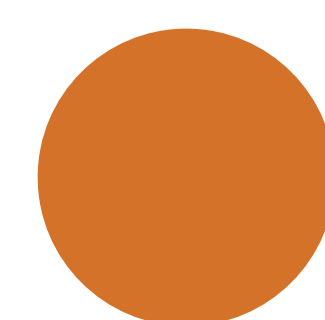


Imagem 5 – me tornando sombra no pôr-do-sol. Acervo da autora.



Com esta ultima filmagem, me deparei com uma coleção de vídeos/danças contendo rastros de movimentos e um percurso percorrido através de diversas camadas. O que fazer com todo este material?

Desejava que a composição final acessasse a experiência de todo o processo de criação e se tornasse um produto do processo. Para isso, voltei para os rastros deixados por Camila em busca de sua presença. Passei um dia ouvindo e reouvindo seus áudios, olhando as imagens e lendo suas palavras digitadas, sem racionalizar, mas deixando que sua presença criasse uma experiência (afeto) no meu corpo. Esta experiência junto à do meu corpo em movimento me levaram a assistir todos os vídeos diversas vezes e começar a marcar ações, gestos e cenas significativas que, de certa forma, me conectavam às experiências vividas no processo. Comecei a coreografar com os vídeos - cenas, cores, sombras, luzes, silêncios... em um processo de edição que durou duas semanas de trabalho em tempo integral. Não pensava em fazer um vídeo-dança mas sim uma dança que tinha o vídeo como uma plataforma de composição e um registro. Isto porque ao criar e realizar a edição não fiz referencia e nem tentei trabalhar com elementos da linguagem do vídeo-dança. A vontade era criar uma dança compartilhada composta de experiências de colaboração.

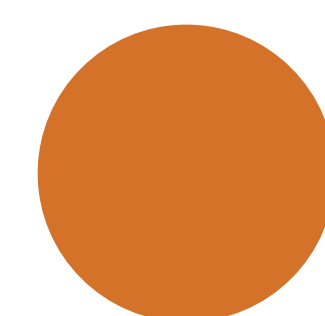


O processo de composição aconteceu sem nenhum acompanhamento sonoro. Os ritmos das imagens foram surgindo na atividade composicional de cortar, colar e sobrepor. As imagens e cenas foram “chamando” umas às outras antes e fui aglutinando e sobrepondo vídeos. Sem uma *storyboard* preliminar, o vídeo foi sendo coreografado a partir das sensações que o material ia me trazendo. Assisti, reassisti e fui movendo as cenas de lugar, aumentando ou diminuindo suas durações, inserindo transições longas e curtas. Cortei, coleí, movi pra lá e pra cá, sobrepus, ajeitei: compus. Dancei com o vídeo, com as sombras e comigo mesma ali me movendo nas imagens, junto à ausente presença de Camila. Desta composição nasceu a dança *Sombras do Silêncio*. A trilha sonora foi composta somente no final, quando a edição já estava pronta. Em colaboração com José Otávio criamos a ambientação musical pensando em trazer uma tonalidade à composição de dança. O resultado foi uma dança em vídeo, onde a ação coreográfica aconteceu na edição do material coletado durante o processo. Este pode ser visto neste link <https://vimeo.com/456659901> ¹².

PARA CONCLUIR

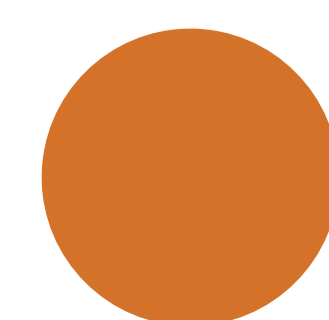
Este artigo trouxe alguns exemplos de processos criativos

¹² Acessado em 30/09/2020



com dança realizados durante a pandemia de COVID-19 em 2020, em especial processos que envolveram colaboração artística. Nestas colaborações, procuramos procedimentos que pudessem aproximar corpos uns dos outros, mesmo estando distantes. Buscamos dançar com o outro através da criação de obras compartilhadas entre diferentes pessoas que tinham o corpo em movimento como material de troca sensível e construção poética. Procuramos trabalhar para além do silêncio e solidão de artistas em confinamento e distanciamento social. Investigamos possibilidades de dançar junto de forma que não perdêssemos o contato com nossos próprios corpos, porém mantivéssemos (alg) um contato com os outros participantes do trabalho. Estes procedimentos foram cuidadosamente pensados para aproximar corpos das distâncias impostas pelo confinamento social e facilitar a interação criativa entre artistas.

Ao olhar para estes processos, arisco uma analogia com a ação dialógica de Paulo Freire (FREIRE, 2008) que tem os artistas como agentes da mudança cultural que buscam não somente adaptarem suas práticas do presencial ao audiovisual, mas explorar procedimentos para que estas práticas mantenham o calor humano do encontro e da presença, mesmo sem esta acontecer de fato. Um fazer artístico que busca ações que fogem do óbvio para realizarem mudanças sensíveis naqueles que se disponibilizam para



tais atividades. Estas ações dialógicas se tornam um convite para que os procedimentos descritos neste trabalho sejam multiplicados em processos artísticos junto à sociedade em geral e que danças sejam compartilhadas a fim de aproximarem corpos quando em distanciamento instaurado.

__REFERÊNCIAS

ARAUJO, A. O processo colaborativo no Teatro da Vertigem. **Sala Preta**, v. 6, p. 127-133, 2006.

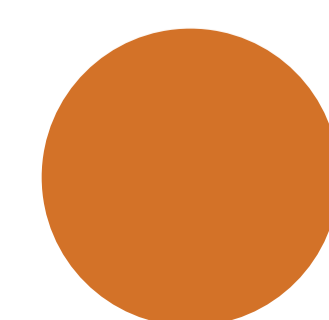
ARAUJO, A. **A encenação no coletivo: desterritorializações da função do diretor no processo colaborativo**. Tese de Doutorado—São Paulo, Brasil: Universidade de São Paulo, 2008.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

LEPECKI, A. Errância como Trabalho. In: CALDAS, P.; GADELHA, E. (Eds.). **Dança e Dramaturgia[s]**. Fortaleza: Nexus, 2016. p. 61-84.

MCALEE, J. L. Collaborative Dance Making: Philosophy and Practice. **Dance Education in Practice**, v. 6, n. 1, p. 25-30, 2020.

ROZNOWSKI, R.; DOMER, K. **Collaboration in theatre: a practical guide for designers and directors**. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2009.





PPG-Artes da Cena
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

